



ELENIR ALVES
organizadora

BORDANDO HISTÓRIAS

POEMAS, CONTOS E CRÔNICAS

Selo Revista Projeto AutoEstima

ORGANIZADORA

ELENIR ALVES

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Elenir Alves

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

**Este e-book é parte integrante
da Revista Projeto AutoEstima**

ISBN: 978-65-00-59371-6

2022

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO,
CRÔNICA OU POEMA

LIÇÕES DE VIDA E SONHOS DE QUARENTENA, POR ALBERTO PESSOA,
PÁG. 05

O AMOR E AS FLORES, POR ANA BEATRIZ CARVALHO, PÁG. 12

A VIDA EM UM ABRAÇO, POR CAROLINA PESSÔA MULATINHO, PÁG. 14

MARIA E PEDRO, POR CASSIANO RICARDO MARTINES BOVO, PÁG. 16

ENTRE UMA E OUTRA, POR HENRIQUE CANANOSQUE NETO, PÁG. 20

BORDANDO HISTÓRIAS, POR IVETE ROSA DE SOUZA, PÁG. 22

AO MEU ANTIGO EU, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 26

A TRAGÉDIA DE SANTA INÊS, POR SÔNIA CAROLINA, PÁG. 32

CASCA, POR VINÍCIUS JALES, PÁG. 37

UMA SEMANA RESTANTE, POR VITOR PEREIRA PINHEIRO, PÁG. 39

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 42

ORGANIZAÇÃO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO: ELENIR ALVES -
ELENIR@CRANIK.COM

ELENIR@CRANIK.COM

WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

ELENIR ALVES
organizadora

BORDANDO HISTÓRIAS



POEMAS, CONTOS E CRÔNICAS

Selo Revista Projeto AutoEstima



APRESENTAMOS A CRÔNICA
LIÇÕES DE VIDA E SONHOS DE QUARENTENA

Por Alberto Pessoa

Alberto Juracy Pessoa Sobrinho é jornalista, poeta, cronista e escritor de obras literárias. É natural de Caxias-MA. Reside em Brasília-DF. É membro da Academia Aguaslindense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Caxias-MA. Viúvo e pai de dois filhos.

Eu era jovem, adolescente, com muitos sonhos e objetivos vazios. Possuidor de uma grande necessidade de conhecimento e na santa inocência, vulnerável às possibilidades. Provindo de família humilde, com mais de onze irmãos para dividir a vida e ávido por visibilidade humana, compartilhava minhas ansiedades, com as vontades de alçar novos horizontes. Sem norte, busquei nos extremos a força para vencer as adversidades. Entre noites de alegria e manhãs frias de indecisões, ficava a meditar por um entendimento sobre o porvir.

Para me agrupar junto a outros jovens, optei por participar das baladas, rodas de bebedeiras, dando muitas vezes, vazão a outros tipos de estimulantes: maconha, comprimidos, chás de cogumelo, papoula... tudo em nome da loucura total, da paz inconsciente.

Em diversas ocasiões, éramos discriminados pela sociedade conservadora, a qual repudiava o comportamento diferente da juventude em evolução. É bem verdade que éramos promotores de grandes preocupações familiares, em face aos exageros e falta de bom senso.

Legal mesmo era estar com os amigos nas noitadas de bebedeiras homéricas e comemorações sem fim.

Porém, como tudo nessa vida é efêmero, passageiro, as aventuras começavam a se banalizar e as sensações vividas já não tinham a mesma intensidade. Com isso, a depressão ou a ressaca faziam dos neurônios um ponto de fraqueza sustentado pela necessidade de reposição de mais droga.

Até então eu não sabia que alcoolismo era doença (catalogada pela Organização Mundial da Saúde como doença incurável, progressiva e com determinação fatal. A terceira que mais mata no mundo).

Continuava com meu ciclo vicioso. Começava bebendo vinho na alta sociedade e acabava na porta de um boteco da periferia, ingerindo as piores das cachaças, me tornando um verdadeiro “pé inchado”.

Em casa, só decepção. O rendimento escolar estava a zero e cheguei a frequentar todos os estabelecimentos escolares da cidade para tentar conseguir a etapa fundamental da vida estudantil. Reprovei em quase todas as tentativas. Minha vida era no banco da praça à espera da balada cotidiana. Jovem, bonito, saudável, mas um mau exemplo na comunidade e família.

Eu sabia que aquela não era minha índole. Algo me confortava. Nunca fiz mal a ninguém e conservava uma cultura familiar muito importante em minha formação: fazer o bem, não importa a quem. Tinha amigos que nos viam somente como jovens sedentos de conhecimento e paz. Mesmo já cansados, meus pais também acreditavam em minha remissão.

Somente a sociedade me empurrava para a decadência total.

Eu queria conhecer outras cidades, outros sóis, outras situações inspiradas nas canções de Gil, Betânia, Beby, Chico, The Beatles, Joplin..., e tantos outros multiplicadores de perseverança.

Segui em busca do nada, deixando para trás as lágrimas maternas e a admiração dos irmãos. Andei descalço pelas ruas e vielas de Salvador, Olinda, Gaibu, Porto de Galinhas e Cabo Sul. Escrevia poemas e os jogava ao vento. " Fiquei amigo de um cão. Pelo pão que dividi".

Preferia trilhar pelos caminhos do mundo a fixar-me como queria o meu amado tio maestro Ozires do Nordeste, na capital pernambucana. Segui: Alagoas, Sergipe, Paraíba, BH... frio, fome, sensações.

Algum tempo depois resolvi pegar o caminho de casa. Retornei ao velho ninho, agora, querendo apenas descansar das lições aprendidas na escola da vida.

Prosegui, entretanto, no tenebroso vale da bebida e da droga. Porém, em busca de justificativas para absorver outras decisões.

Finalmente encontrei uma ilha de calma: a mulher que me abraçou e me fez retroceder para outras direções. Já com idade suficiente para entender o chamado, casamos e no

primeiro ano, o primeiro filho. Em face a tantas quedas e decepções, finalmente cheguei a uma sala de Alcoólicos Anônimos - de onde nunca mais saí - em nome de uma sobriedade sadia que me promove até hoje a avanços espiritual e físico.

Comecei a recuperar o que havia ficado para trás.

Apesar da abstinência alcoólica, continuava me valendo do uso maconha. A droga é um mal para a sociedade. O jovem se sente acorrentado. Precisa se relacionar com pessoas más, traficantes, bandidos. Torna-se um delinquente, mesmo não tendo aptidão para essa situação.

Mas, ia conduzindo o processo. Tinha vergonha de fumar na presença de familiares e rogava a Deus para um dia me libertar daquela prisão.

Consegui recuperar um pouco de minha dignidade no decorrer do tempo. Dediquei-me à família, à casa, à manutenção de minha sobriedade.

O usuário de droga não tem firmeza: é sempre observado como um fraco.

Mesmo sem experiência, enveredei pelos caminhos do jornalismo comunitário. Isso depois de ser nomeado repórter por um conceituado jornalista local. Procurei estudar em livros recebidos de uma amável professora.

Comecei a reverter o quadro de pessoa tóxica para a sociedade e passei a integrar outro ciclo social. Consegui o diploma de segundo grau através do supletivo e ingressei na faculdade estadual. A mulher também escolheu um curso e fiquei com a carga de trabalhar, estudar e cuidar da filha, pois a mulher se doava integralmente para concluir o curso dela.

Porém com uma fé inabalável conseguíamos vencer todos os obstáculos. Formei-me e a mulher também. Em contrapartida, o mercado de trabalho naquela pacata cidade do interior era muito defasado e envolvia até questões políticas para se conseguir um emprego. Já com outro filho, um casal agora, resolvemos procurar melhores condições de vida e mudamos para um Centro maior. Batalhamos muito e fomos abençoados com a

qualificação dos filhos e também nossa. Fiz um curso de jornalismo numa boa faculdade. Consegui trabalhar na mídia e conduzíamos a vida da melhor forma possível.

Após tantos desencontros, me libertei de vez de todos os vícios: álcool, tabaco, droga. Estava limpo para alçar outros voos.

Desenvolvi minhas aptidões literárias e publiquei obras de poesia, contos e crônicas. Retomei a admiração da família, da sociedade e de todos nos meios em que me relacionava. Prestei-me à religião cristã, participando das atividades da congregação em gratidão a Deus pela mudança de concepção de vida.

Foram alguns anos de ferrenhas batalhas, no vai e vem estressante da cidade grande. Para nos firmarmos positivamente nas novas experiências, conseguimos empregos estáveis. Formamos os filhos e sentíamos um pouco de conforto por estarmos realizando nossos propósitos.

Contudo, de tanto cuidar dos filhos acabamos que esquecendo de nossos projetos pessoais. Não tínhamos tempo mais para namorar, conversar, querer, como era na juventude. Apesar da parceria em favor de nossas lutas, o relacionamento marital foi diminuindo e a empolgação já não era mais como antes. Os filhos continuavam em casa com os pais.

Mas, tudo mudou de repente.

Uma informação sobre isolamento social, em virtude da disseminação de um vírus no mundo inteiro mudou nossos hábitos e modo de ver a vida.

Foi recomendado um confinamento. Tinha-se que permanecer em casa para evitar o contágio e a morte. O vírus, mortal, espalhava-se por toda a Terra matando em massa seres humanos, provocando pandemia.

Houve a necessidade do uso de máscaras protetoras e produtos de higiene pessoal.

Enquanto isso, a ciência e a tecnologia trabalhavam incessantemente para frear a contaminação.

Muitas pessoas permaneceram por meses, presas em casa. Nossa família teve momentos de tensão no decorrer da quarentena. Sabedores das possíveis trilhas do viver, tínhamos certeza de que depois da crise o mundo seria diferente. A humanidade, certamente, iria rever os seus conceitos, princípios e práticas, tendo o evento da Covid-19, como um divisor de águas e reflexão para uma vida diferente.

Em casa, com preocupações redobradas, fizemos um histórico de nossa trajetória e buscamos nas recordações, os sonhos deixados para trás. Vieram à tona, noites mal dormidas, as vitórias alcançadas e o sentimento da necessidade de concluirmos os projetos esquecidos nas entrelinhas do caminho.

Mesmo um pouco exaustos, começamos a retomada dos antídotos para a harmonia familiar.

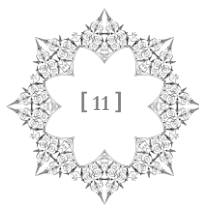
Em casa, promovíamos as reuniões, conversas amistosas e tira-dúvidas pendentes. Orações rogando a Deus para o pronto restabelecimento das Nações.

O relacionamento familiar foi aquecido pelo calor da solidariedade humana entre os membros da família.

Queríamos direcionar as ações para firmar de vez o futuro dos filhos e depois retornarmos à vida pacata e feliz do interior, onde a luta pela sobrevivência seria amenizada pela vivência com o amor, a esperança e a fé. Agora, na terceira idade, deveremos seguir rumo a concretização de desejos derradeiros e finalmente descansar no seio de nossas satisfações pessoais.

Os filhos, agora independentes, deixam uma brecha para que eu e minha mulher possamos retornar ao convívio com os parentes, amigos e as nossas raízes na vida pacata do interior, de onde ainda brotam as nascentes do bem-viver, que outrora nos transmitiam momentos marcantes de falecidas. A luta para vislumbrarmos a vitória se fez necessária. Isso, nos remete aos reclames do poeta conterrâneo em seu poema Canção do Tamoio: “Não chores, meu filho/ Não chores, que a vida/ É luta renhida/Viver é

lutar/A vida é combate/Que os fracos abate/Que os fortes, os bravos/ Só pode exaltar...”.



The background features several large, stylized flowers in shades of pink and magenta, with yellow and green accents. The flowers are rendered with thick, expressive brushstrokes, giving them a textured, almost woven appearance. The stems and leaves are also stylized, with yellow and green colors. The overall composition is vibrant and artistic, set against a solid black background.

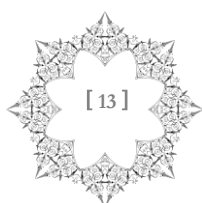
APRESENTAMOS O MINICONTO

O AMOR E AS FLORES

Por Ana Beatriz Carvalho

Escritora brasileira. Educadora com especialização em Direitos Humanos e mestrado em Políticas Públicas. Associada titular da Casa de Sonhos. Sua produção literária reúne contos, microcontos, sonetos, cartas, poemas e prosas poéticas. Vários de seus trabalhos foram selecionados para Antologias e Coletâneas. Participou da 26ª Bienal Internacional do Livro de SP como autora. Recebeu o Prêmio Destaque Literário e Autora Revelação 2022 pela Ler Editorial. Membro do Clube do Contista (Helena Sylvestre). Autora dos livros Contos de uma Mulher Feliz: viver para crer que tudo é bom, belo e necessário e Viva a Vida!

Fui florista naquele casamento e me dei conta de que as flores eram mais admiradas que os noivos. Reluzentes, enfeitavam não apenas o cenário físico, adornando as emoções de todos que ali se encontravam. Perplexos pela beleza dos arranjos florais, os convidados tranquilizavam-se, mergulhados na serenidade que as suas cores, os seus perfumes e a sua exuberância entregavam ao ambiente festivo. A natureza exortava os convivas a sentir o amor elevado. Confirmou-se nas pinceladas florais do Autor da Vida, a magia do equilíbrio, da perfeição e da plenitude. Desenhos vivos mostravam a grandeza do contorno, das tonalidades, da essência, do complemento, da integração. Preciosa lição! A aquarela bendita suavizava corações e fortalecia o amor dos participantes do evento. As mentes e os corações deambulavam pelos jardins ali instalados. Envoltos em alegria, sentiam lufadas aromáticas permeando o bem-aventurado palco do encontro das duas almas exultantes de amor. Presentes o amor, a paz interior e a sabedoria permanente, as bodas foram celebradas sob a germinação de nobres sentimentos. Fez-se o novo, o broto, o botão. Floresceu a esperança e a renovação. Caminhos semeados pela bondade e fidelidade se anunciavam para os dias vindouros. Eis o amor manifesto em forma de *bouquet*. Inspirador e contagiante. Contemplação da felicidade em pétalas. Bem-me-quer... Promessa eterna estabelecida pela aspiração da entrega luminosa do amor. O instante se fez eterno. A eternidade se fez no momento. Um brinde ao amor e às flores!





APRESENTAMOS A CRÔNICA

A VIDA EM UM ABRAÇO

Por Carolina Pessôa Mulatinho

Carolina Pessôa é escritora e jornalista, formada na Uerj. Em 2021 publica o primeiro livro, À Beira da Vida, e em 2022 o segundo, Salto para o Desconhecido, e o terceiro Amor e outras histórias. Já foi selecionada nos concursos Ecos da Palavra, na Revista Pulp Fiction e Contos de Samsara, entre outros. Atualmente também cursa pós-graduação em escrita criativa no NESPE (Núcleo de Estratégias em Políticas Editoriais) e participa dos coletivos literários Sabático Literário e EscreViventes.

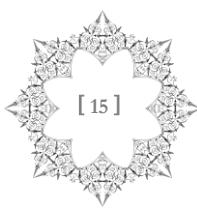
Quem nunca recebeu um abraço apertado daqueles de quase quebrar os ossos deveria experimentar. Às vezes nenhuma palavra é suficiente para expressar um sentimento. Mais vale ele, simples, de graça, super fácil de dar. Quanto mais forte melhor.

É engraçado gente que não gosta de abraçar. Que se sente desconfortável ou algo assim. Fico pensando que devia haver uma pílula pra isso. A pílula do abraço. Você toma, perde a vergonha, e sai agarrando todo mundo. Eu distribuiria por aí, pelas ruas que passo, pra toda a gente. Na verdade, eu acho que deveria ser acessível no sistema público de saúde.

Um dia me peguei pensando nos que já recebi. Teve abraços de paixão, e também de despedida. Mas, ainda assim, só guardo boas lembranças de todos eles, porque são formas de amor, mesmo quando ele acaba.

Um abraço de mãe, de pai, de amigo, de namorado, tanto faz. Vale por todo um discurso! É como se por um instante a vida de duas pessoas se resumisse naquele carinho grudento. Que se danem os tímidos, os reservados, os caretas. Vamos abraçar quem amamos, e amar quem abraçamos.

Ai, que vontade...





APRESENTAMOS A CRÔNICA

MARIA E PEDRO

Por Cassiano Ricardo Martines Bovo

Cassiano Ricardo Martines Bovo é economista e cientista social, professor universitário aposentado, ativista de direitos humanos e membro da Comissão Justiça e Paz de São Paulo; é autor de livros, contos, crônicas e artigos acadêmicos.

Mais um dia amanhecendo. Maria olha seus dois pequenos filhos ainda dormindo, enrolados em vários panos. Muito frio. Ela abre o zíper da velha e pequena barraca de camping, põe a cabeça para fora, sente a lufada gelada de ar. A névoa da manhã ainda não se dissipara e ela vê vagamente as fachadas de alguns prédios do centro da cidade de São Paulo, assim como as silhuetas de barracas próximas à dela.

Maria perdeu seu emprego num supermercado durante a pandemia e nunca mais encontrou outro. Sem ter como pagar aluguel, ela se juntou à extensa legião de pessoas que são obrigadas a morar nas ruas, um contingente que vinha crescendo ano a ano e aumentou significativamente durante a pandemia.

Pouco depois de preparar um singelo café para seus filhos, Maria senta-se em frente à barraca e olha o movimento das pessoas chegando ao centro, como toda manhã. À sua frente passa um homem sério, de terno e gravata, de idade já avançada. É Pedro, a caminho do seu escritório, na região. Normalmente, ao andar por lá, ele não liga para as pessoas em situação de rua, mas, nesse dia, coisa de segundos, seus olhos encontram-se com os de Maria que, cravados, ficaram em sua mente. Sobressalto. E segue adiante.

Maria deixa seus filhos com uma amiga de barraca vizinha e perambula para pedir algum dinheiro e catar latas. Ao passar em frente a uma banca de jornal lê a seguinte manchete de um deles: “Euforia e lucros na construção civil e no mercado imobiliário”. Se ela lesse a matéria se defrontaria com a confluência de dados e informações de diferentes órgãos do setor imobiliário e da construção civil para algo que talvez vez não imaginássemos: em plena pandemia as vendas de casas, apartamentos e loteamentos cresceram muito, batendo recordes. A Câmara Brasileira da Indústria da Construção, por exemplo, mostra vendas em 2020 superiores a 2019 (ano que já vinha performando bem) e em 2021 superiores a 2020, para o país como um todo.

Quem observou, viu, em cidades de todo tipo, obras (imóveis novos e reformas) para todo lado. Como se sabe, turbinadas pelo home office e adiamento de planos, muita gente comprou (ou alugou) casas, apartamentos e chácaras, em suas cidades ou outras.

Celebridades até aumentaram a intensidade da ostentação em enormes e luxuosos imóveis recém-adquiridos. Mais uma das nuances da já tão corriqueira desigualdade.

Por outro lado, como se vê (e as estatísticas comprovam), a quantidade de pessoas em situação de rua, que vinha crescendo ano a ano, deu um salto na pandemia, em todo o país. Enquanto uns compram, compram e reformam, outros perderam a possibilidade de morar em imóveis. Os dados também mostram aumento da concentração da renda nesse período.

Pedro foi um desses que aumentou seu patrimônio imobiliário. Comprou uma chácara e uma casa na praia. Além disso, reformou e aumentou sua já grande casa em bairro nobre da cidade de São Paulo. Parece que pessoas e empresas de todo tipo aproveitaram a “parada” para melhorar ou expandir seu patrimônio, o que pode ser bom, em alguns aspectos. Mas o interessante é que normalmente reclamam que não têm dinheiro....

Justamente foi sobre isso que Maria ficou pensando, durante o dia, depois de ler a manchete que ficou impregnada na sua mente. “Alguns ganhando mais ainda e muitos ganhando cada vez menos ou perdendo tudo”. Ela emendou no pensamento: “de onde veio tanto dinheiro se antes todo mundo falava que não tinha? Então tem dinheiro sim”.

Essa elocubração pode ser transposta para a área governamental e empresarial. Governo Federal, Estados, Prefeituras, e órgãos em geral, sempre dizem que não possuem recursos, mas na pandemia eles apareceram, gastaram muito, adiantaram 13º salário, benefícios, a condução ficou congelada todo o tempo, dentre outros (embora para o setor das pessoas em situação de rua, pouco se viu). Muitas empresas aproveitaram para construir, comprar imóveis, dentre outras.

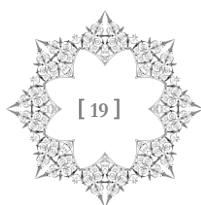
Em sua perambulação pelas ruas do centro, Maria passa diante de um grande e movimentado restaurante e, coincidentemente, cruza com Pedro, que estava entrando. Novo sobressalto, encontro de olhares, recordações da manhã. Mais uma vez ele impressionou-se; nem almoçou direito, pensando numa pessoa que desconhecia. Lembrou-se da barraca, das crianças.

Maria voltou para a barraca. No caminho ela viu as tantas ocupações (prédios que se degradaram, ficaram vazios e são ocupados pelas chamadas “pessoas sem teto”). Em frente a uma delas está João, já seu conhecido, que lhe pergunta sobre a possibilidade de ela ir para lá. Maria diz que vai pensar, embora esteja cada vez mais desanimada com a vida. “Mas eu não posso nem cair na bebida e na droga, como muitos acabam fazendo; tenho dois filhos para cuidar”, pensou ela.

Fim de tarde; Pedro passa novamente em frente à barraca, alimentado pelos seus impressionamentos do dia (que antes não existiam). Maria lá na frente. Ele jogou duas notas de cinquenta reais para ela, que ficou estática pelo inesperado da situação. Nada conversaram, ele se foi. Isso, obviamente, a ajudou momentaneamente. Talvez também tenha aliviado alguma possível angústia de Pedro. De qualquer forma, ele pensou: “e amanhã, e nos próximos dias? o que farei ao vê-la no meu caminho?”. Será que ele desviará a rota para não confrontar tal nível de situação? De disparidade de condição?

Quando, de fato, um projeto envolvendo as diferentes esferas governamentais (global e local) e integrando políticas públicas (multiplicidade de áreas e tipos de profissionais) surgirá (não remendos...soluções...) para o enfrentamento de algo que cresce e se faz de conta que não existe? (o mesmo vale para a concentração da renda). Enquanto isso, regiões urbanas extensas, país afora, se tornarão ambientes cada vez mais distópicos....

Ou ficaremos em decisões que agravam o problema, em vez de resolver? É o caso do projeto aprovado na Câmara dos Deputados, agora em tramitação no Senado, que autoriza – o que ainda é proibido por lei – o uso do único imóvel de alguém como garantia para adquirir mais de um financiamento.





APRESENTAMOS O POEMA ENTRE UMA E OUTRA

Por Henrique Cananosque Neto

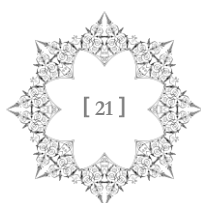
Henrique Cananosque Neto, nascido em Lins em 1980, formou-se em Letras em 2001. Também estudou música e psicologia. Com especializações na área de gestão, educação e música; cursa mestrado em Docência para a Educação Básica na Unesp de Bauru. Trabalha como professor no CEEJA de Lins e na Etec de Cafelândia. É músico na equipe Querigma da Paróquia São Judas Tadeu de Lins e na Banda Benedito Marinho de Lins. Participa de Antologias Literárias desde 2008.

Entre outra e uma
Vou por aqui ou por ali
Uma verdade crua
Nua, me surpreendi

Por que há tanta incógnita?
Indecisão sempre será?
Manifestação inóspita...
Tentar e nunca chegar lá

Chegar lá sempre tentando
Quem sabe um dia amanhecer
Suave, tranquilo, cantando
Melhor lembrar ou esquecer?

Entre uma e outra
Via vinda ida lida
Boa garota garoa
Despedida vida





APRESENTAMOS A CRÔNICA BORDANDO HISTÓRIAS

Por Ivete Rosa de Souza

Ivete Rosa de Souza, nasceu em Santo André -SP, em 1955, adora ler e escrever. Publicou seu primeiro livro de poesia em 2020, mas escreve desde menina. Novo livro lançado: Ainda dá tempo. Participou de várias antologias poéticas e de contos. Deixou a faculdade de Comunicação Social, por trabalhar em horários alternados como Policial. Para dar mais atenção aos filhos. Adora ler e escrever histórias, buscando inspiração no cotidiano.

Sinto-me uma bordadeira, desde menina cresci tecendo histórias. Enfeitando aqui e ali. Somos todos passíveis de erros, mas se os cometemos, com certeza vamos aprendendo a tecer os pontos, a colorir aqui e ali.

Gostava de bonecas, e havia muitas de tantos modelos e tamanhos. Não gostava de bebês, já havia em casa, um cada dois ou três anos. Queria aquelas com roupas chiques, vestidas de mocinhas de época, caras e só as vi nas prateleiras das lojas.

Ganhei algumas mais baratas, e então eu as vestia. Aconteceu de levar uma ou outra chinelada. Porque havia cortado, aquele lençol, relíquia de tantos anos, ou ainda ter cortado uma blusa, ou saia, que não gostava de usar.

Engraçada é a vida, poderia ter sido costureira. Cresci querendo me vestir igual as colegas de escola. Minha mãe, até tentou comprar roupas de segunda mão, e ajustar. Mas em nada se parecia com as das outras meninas. Resolvi eu mesma fazer alguma coisa.

Nessa época já trabalhava meio período em uma loja de uma mulher amiga de minha mãe.

Essa senhora e a filha, uma moça que eu admirava por ser bonita e elegante, me deram algumas peças de roupa, as que eu usava não eram adequadas para atender os fregueses. Só aí é que pude notar a disparidade, e a tristeza de ter menos que outras pessoas.

A moça que eu admirava por ser elegante e chique, se mostrou esnobe, em tudo me corrigia.

Apenas assentia. O pouco que ganhava, lavando o banheiro da loja, varrendo, passando pano e espanando, garantia pelo menos carne na panela. Meu pai operário, minha mãe diarista, pagavam as contas e nos davam o que precisávamos.

Eu nunca fui de desrespeitar, meus pais, e me senti envergonhada depois de ter sido contratada como ajudante de vendas, e não passar dos azulejos encardidos e privada fedida.

Uma tarde, sai da escola e nem almoçar eu fui. Minha mãe não estava em casa, naquele dia levaria meus irmãos para tomar vacina. Meu pai só chegaria à noite. Não fui à loja da grã-fina.

Resolvi dar uma volta na rua das lojas, entrei na loja Americanas, tinha um cartaz: Precisa-se de moças. Eu tinha 14 anos na época, fui e me candidatei. Fiz um teste escrito, fiquei em um balcão com uma garota sorridente, que me explicou: —Você, vai trabalhar comigo. Estranhei, havia preenchido uma ficha, e feito o teste, ninguém me disse nada. Passei a tarde atendendo o público, no final fui chamada no RH. Estava contratada, traria no dia seguinte a carteira de menor. O salário, era bom aos menos para mim parecia uma fortuna.

Só tinha um problema, eu trabalharia o dia todo das 8 às 17, por ser estudante sairia uma hora mais cedo, teria que estudar a noite. Fui correndo para o Colégio para fazer a transferência para o período noturno.

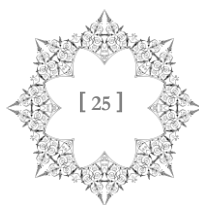
Não sei se era costume, mas ninguém se opôs, no dia seguinte entraria nas aulas as 19:30.

Na Lojas Americanas me deram um contrato e o horário especificado de trabalho, de segunda a sexta, aos sábados revezaria com minha colega feliz. Cheguei em casa, levei o maior susto, minha mãe já estava em casa, de cara amarrada e vermelha como ela ficava quando estava nervosa.

Não era coragem era necessário, falei tudo de uma vez. Ela com ar sério, não disse uma palavra. Virou-se para o fogão e foi preparar o jantar. No dia seguinte, acordei mais tarde, não era necessário entrar na escola as sete da manhã. Fui tomar banho, encontrei minha roupa uma calça azul rancheira, sapatos Verlon e uma blusinha de flores miúdas. Apesar da roupa nunca fui menosprezada em meu trabalho. Foi o jeito de minha mãe dizer que aprovou minha mudança. Na loja usávamos uniforme calça azul marinho, camisa branca. Podíamos usar rabo de cavalo, ou um coque. Aprendi com as meninas a usar batom.

Daí para frente, encontrei outras oportunidades de trabalho, e não parei mais. Olhando para trás, me orgulho de minhas decisões. Fui babá, garçoneiro, limpei banheiros, fui

balconista por muitos anos, em várias lojas grandes, chegando a chefiar alguns departamentos. Fiz o colegial e parei. Só voltei a estudar quando entrei para o serviço público. Permaneci por mais de vinte e oito anos, e continuo até os dias de hoje bordando minhas histórias, às vezes a linha escapa, mas reato o fio até acabar o meu bordado.





APRESENTAMOS A CRÔNICA

AO MEU ANTIGO EU

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora, ainda, com a revista digital LiteraLivre. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono" etc. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

Através dessa inusitada máquina do tempo que é a memória, volto meus olhos para o passado, vejo o garotinho de pernas curtas e tortas que fui, e, mediante toscas palavras, envio-lhe esta mensagem.

É estranho pensar sobre isso: escrever a mim mesmo. Difere de um diário onde, embora destinamos a nós, a escrita é para o eu do presente, como um pensamento que, além de ecoar em nossa mente, é perpetuado no papel ou qualquer outra meio para consulta posterior. Agora, escrever para aquele a quem fui em um ontem distante... Que esquisito! Será que posso dizer... doentio? Bizarrice ou enfermidade, o que me importa? Tanto o meu eu passado quanto aquilo que me tornei no presente, cedo ou tarde converter-se-ão em nada. ("Do pó ao pó", não é assim?) Todos convergirão para além da Margem do Existir, caso sobre um *algo*, um fio de pensamento que seja, no abismo da eternidade.

Lembra-se de quando éramos pequenos e acordamos por uma razão qualquer sem encontrar viva alma em casa? Esperneamos e choramos feito meninhas, embora, convenhamos, as meninas são bem mais corajosas do que jamais fomos. Sentimo-nos insignificantes e amedrontados, diante de um mundo enorme, sombrio e silencioso, tão quieto como deve ter sido para a primeira criatura ao emergir do útero da vida.

E aquela vez, lá pelos cinco anos, quando ingressamos no pré-primário, naquela escolinha de freiras trajadas de preto? Era a primeira vez que nos desconectavam da segurança da casa de nossos avós paternos. Quão apavorante foi! Até mais do que o despertar na solidão, embora não estivéssemos sozinhos naquela sala grande e sóbria com suas lousas e vários outros rostos de garotos receosos. Com vergonha de tudo, em vez de pedirmos a professora permissão para ir ao banheiro, seguramos o quanto pudemos até a bexiga explodir e molharmos o *short*. Lembra-se disso? Como? Passou a vida toda tentando esquecer? Sei bem como é...

E aquela nossa amiga de infância, tão próxima quanto alguém poderia ser, com a qual passávamos bastante tempo juntos, brincando, conversando, rindo, a ponto de minha avó e a mãe dela imaginarem um casamento lá no futuro, o qual uniria as duas famílias, sedimentando de vez a amizade? Isso nunca aconteceu, pois, nos caminhos da vida, desvios surgiram e cada qual seguiu seu rumo. Ainda que as recordações se tornassem

vagas como objetos afundando em um lago de águas turvas, em suas profundezas lá permaneceriam. E para sempre diriam: "Existimos. Fizemos parte de você e, em verdade, sempre faremos". De fato, sempre nos acompanhou.

Houve a vez que, por uma ofensa qualquer, brigamos com um colega no fim da aula, na rua diante da escola. Os demais fizeram uma roda, sedentos pela diversão. O outro moleque tirou seu cinto e ficou girando feito um chicote. Avançamos, agarramos o oponente e rolamos na rua empoeirada, sob gritos de torcida. De algum lugar, veio um soco em nosso nariz de vidro o qual sangrou sobre nossa roupa e na dele. Mais vergonha que dor. Eu sei, dessa memória restou praticamente nada, afinal, do que valeria a pena lembrar? No geral, éramos de boa paz, para não dizer covardes, além de tímidos, e daríamos um braço para não ser alvo de atenção. Não nos recordamos da ofensa, porém, devia ter sido algo muito grave para que o confronto ocorresse.

Jogamos bolinha de gude e pião. Empinamos arraia, mas nunca soubemos usar o cortante. Andamos de bicicleta e exploramos outros bairros. Assistimos desenhos animados da Hanna-Barbera, Walter Lantz e Looney Tunes, além de seriados americanos e japoneses. Lemos um montão de gibis da Disney e de super-heróis Marvel e DC Comics. Colecionamos figurinhas, pedras, conchas marinhas, tampinhas de garrafas e marcas de cigarro. Brincamos com estilingue - um morador bravo correu atrás de nós e fomos apanhados, tendo de ouvir um baita sermão. Como parte de uma gangue de moleques, furtamos batatas numa mercearia próxima as quais assamos na fogueira (não nos tornamos bandidos porque não era para ser).

E quanto à moça que trabalhava em casa de empregada, amiga de infância de nossa mãe, tomando conta de nós enquanto nossos pais trabalhavam? Pensou?... Hã... O quê? Ah, sim, é exatamente disso que estou me referindo. "Psiu"? Como assim, "psiu"? Tínhamos quantos anos? Onze? Ela abusou de nós, fazendo-nos tocá-la em mais de uma oportunidade. Não que, de fato, tivéssemos protestado, pois, com os hormônios principiando a se manifestar, tínhamos uma curiosidade latente sobre aquele misterioso universo. Nunca a culpamos. Jamais a denunciemos. No fundo, para ser honesto, em silêncio até agradecemos.

Imagino-me, neste instante, mirando-me no espelho e, em vez de meu reflexo grisalho e barbudo, observo o garoto de cabelos curtos e olhar assustado. Você está aí, não está? Dentro dessa carcaça envelhecida, em meio às rugas e aos olhos cansados. Sei que está. É isso que faz estas palavras soarem menos insanas. Passamos juntos tantas aventuras e desventuras, não foi? Nada grandiosas, bem sei. Mediócras, a bem da verdade, incluindo empregos que nada representaram. Mas foi nossa vida, *nossa!* E, como tal, única entre bilhões de outras vidas, cada qual com sua história, seus altos e baixos, suas relevâncias e irrelevâncias.

Com embaraço, penso da ocasião em que, embevecidos diante da simpatia de uma colega, fomos até sua casa e entregamos um bilhete através da irmã dela. Nele, escrevemos "*Love You*". Após uma espera ansiosa, dessa mesma irmã recebemos o recado de que não deveríamos mais enviar algo assim. Ficamos com cara de tacho, desejamos afundar no chão, sentimo-nos o mais miserável entre os garotos, e intimidamo-nos diante de qualquer outra aproximação com o obscuro sexo oposto.

Assim, teve a vez em que, ao revermos uma outra ex-colega de classe, esta pediu que fôssemos seu acompanhante no baile de formatura. Pegos desprevenidos, aceitamos. Mas não tínhamos traje social, não sabíamos como agir, ignorávamos de que forma chegar ao lugar. Não fomos. Não justificamos. Nunca mais tornamos a vê-la. Podemos supor - ou ter a esperança - de que ela tenha dado um jeito, não levado tão a sério a decepção e esquecido o fato como se nada fosse. Em nosso caso, não foi assim. Encarnando um protótipo imaturo e inseguro de Kevin Arnold, do seriado *Anos Incríveis*, fugimos dessa memória, todavia ela sempre nos perseguiu, sempre nos acompanhou: a visão da adolescente no meio do salão de baile, aguardando por um suposto amigo que jamais apareceu.

Fizemos coisas bastante estúpidas. Também omitimos tantas outras que deveríamos ter feito.

Quando passamos a ter ciência do fracasso do casamento de nossos pais e seu desmoronamento, foi um grande choque, pois tínhamos aquela visão anos 60 do tipo família Robinson de *Perdidos no Espaço*, onde tudo era certinho, estável e seguro.

Soubemos de coisas que, imagino, um adolescente deveria ser poupado. Sentimo-nos afundar dentro do poço de nós próprios, de nossa frustração, amargura e autopiedade. Levantamos muralhas não muito sólidas. Passamos a encarar com ceticismo e cinismo qualquer assunto referente a laços familiares, traduzindo-os em indiferença e distanciamento. Chegamos a ter pensamentos demasiado ruins, como pôr termo à vida. Não tivemos a audácia de nossa irmã do meio em colocar isso em prática. Felizmente, chegamos a tempo para auxiliá-la e reverter os efeitos do gesto que cometera. Oh, garotinho, não o censuro por haver fechado os olhos e tapado os ouvidos...

Então, aconteceu. Ela surgiu numa noite cujo silêncio fazia-se presente dentro de nós, embora naquela sala de cursinho pré-vestibular houvesse um burburinho crescente. Tocou em nosso ombro a fim de indagar sobre quais aulas teriam e, dali em diante, descobrimos algo que supúnhamos que nunca iria nos acontecer: o amor. Não vou deslanchar um desfile de pieguices. Mas você bem sabe o quanto ela se tornou a segunda metade do todo, o prumo e o rumo, o nosso céu e o nosso chão. Por mais que discutíssemos com Deus e afirmássemos Dele não acreditar, algo maior estava presente naquelas noites. Essa questão é algo que a lógica não irá desmanchar.

E quanto a irmã caçula que levávamos pela mão nas ruas da vizinhança e pedíamos para apanhar as marcas de cigarro no caminho, a fim de acrescentarmos a nossa amarelecida coleção?

E quanto a sobrinha, que, na falta da presença de um pai, nos entregava os presentinhos de "Dia dos Pais" feitos na escola? Nosso coração tornava-se dolorido e triste de tão apertado.

Fizemos muitas coisa bobas. Realizamos bem poucas coisas significativas.

Agradecemos o fato da vida ser uma estrada de mão única.

Abominamos hipóteses sobre reencarnação.

Uma vez é o quanto bastou.

Peço desculpas se o meu eu presente não fez jus as suas aspirações infantis e juvenis. Não fomos para o espaço. Sequer um diploma de faculdade conquistamos. Não pensei que

fôssemos chegar em tão avançada idade, contudo, tampouco caminhamos tão distante quanto poderíamos ter ido neste mundo.

Por que estou lhe escrevendo todas essas coisas? Por que trago à tona recordações que, bem sei, são tanto minhas quanto suas? Dou-me conta de que, na verdade, não escrevo para a criança que um dia fui, mas para mim mesmo, *agora*, diante de meu reflexo barbado e grisalho no espelho da imaginação. Por que faço isso? Balanço geral? Freud poderia dar uma explicação? Se sim, dispenso-o de ouvi-la.

Neste leito, em meus derradeiros instantes, apenas peço perdão a todos os "eus" que fui e sou. Breve, converter-me-ei em nada. Convergirei para a outra margem - em havendo um rio -, e, se uma fração de consciência persistir, quem sabe, reencontrar-nos-emos na profundidades sem fim do abismo da eternidade.

A vida é preciosa por ser única; a morte, o descanso.

Adeus ou, quem sabe, até logo mais.

Atenciosamente,

Eu.





APRESENTAMOS O CONTO A TRAJÉDIA DE SANTA INÊS

Por Sônia Carolina

Mineira de Uberaba, Minas Gerais, radicada em Brasília desde 1977, é Poeta, Escritora Artista Plástica e Psicanalista. Publicou seu primeiro livro de poemas “Falando de Amor” em 1990, o qual recebe em âmbito Nacional, o Prêmio Master de Literatura como melhor livro de poesias publicado de 1982 a 1992. Inúmeras vezes premiada, participa de Antologias, Jornais e Revistas com poesias, crônicas, contos e ilustrações. Como Artista Plástica, trabalha com as mais diversas técnicas que abrangem a pesquisa do Desenho Artístico e a Pintura com suas infinitas opções, desde o Fusain e o Pastel, com a descoberta singular da Têmpera e da Aquarela, do óleo e acrílico.

Os pássaros ensaiavam a debandada rumo aos ninhos aconchegantes, num estardalhaço contínuo e buliçoso, agitando as longas asas, como se fossem despedidas, pelos longos caminhos do vento, em estradas sem curvas, por atalhos dourados lembrando ilusão.

Algumas réstias de sol ainda traziam ao colorido desbotado de algumas casas, o viço e o frescor enquanto que, inundando o ar com notas balsâmicas e aromáticas vindas de algum jardim, um perfume infinitamente mágico transmutava a queixa da brisa em laivos de frescor, de onde nostálgicas flores do anoitecer, exalando sonhos e quimeras, emprestavam ao entardecer um perfume estonteante de doçura e suave expectativa, num tom irreverente e peculiar.

Cercada de vetustas folhagens e árvores promissoras de esperança, abrigava-se do olhar curioso dos transeuntes belo e imponente solar.

Por todos os lados erguiam-se os jardins aureolados de flores de aromas embriagadores, trazendo ao ar um não sei que de misteriosa beleza.

No encanto da emoção causada pela hilariante visão, descerremos ao olhar perdido nas reminiscências do passado suas portas, uma a uma, e penetremos a suntuosidade dos espaçosos salões adornados de raros tapetes e finos cristais.

À luz bruxuleante de alguns castiçais, a prataria revela seu brilho invulgar. Nas paredes, as telas magníficas, exibiam figuras aureoladas por magnificentes molduras, e seus rostos refletindo a beleza e o mistério de um instante captado pela emoção, quase que poderiam falar para quebrar o imponderável silêncio que reinava absoluto por dentro do esplendoroso palacete, onde, há poucas horas, ainda se poderia ouvir o tilintar dos copos, o “champagne” borbulhante, o riso claro e inconsequente, restos de palavras cujo eco deixou no ar a sinfonia quase infantil de um riso doce e embevecido.

Sigamos pela alva escadaria em esplendoroso mármore de Carrara e que nos leva à parte mais íntima da casa.

No quarto, aconchegada entre lençóis da mais pura seda, brocados e rendas, como que, imersa em profundas cismas, jazia estendida deliciosa madona. Aproximemo-nos e poderemos notar os olhos de um verde esplêndido, lembrando preciosas gemas de

esmeraldas, fixos e desmesuradamente abertos, enquanto que dos lábios ainda úmidos poder-se ia pressentir um nome dito ainda num último esforço, quase um sussurro. Da cama em desalinho, larga réstea vermelha coloria de dor os ricos lençóis, enquanto um cheiro álaque toma conta do ambiente, antes perfumado e sóbrio... Ao seu lado, imerso numa poça de sangue, jaz também o corpo de elegante fidalgo, a denotar nos olhos ternos, aureolados de longos e aveludados cílios, uma expressão de surpresa e desalento... Alonguemos a vista, e poderemos notar ao lado da desditosa donzela uma forma diáfana, de cujos pulsos profunda ferida verte ainda a seiva da vida, num recomeço infernal e, ela, inconsolada e aflita, tenta em vão, estancar o sangue e voltar ao corpo estendido sobre o leito entre lágrimas febris de desespero.

Procuremos então o motivo dessa dor inaudita e imensurável, capaz de levar à loucura a bela madona, praticando o ato torpe e covarde do suicídio.

Crescera nos arredores de uma grande cidade.

Pobre, porém, recebera dos pais esmerada educação. Guardava em seu temperamento quase infantil indefinível delicadeza aliada à rebeldia pelos momentos de extrema necessidade material de que se via cercada. Bela, dessa beleza que sói aos anjos se permite, magnetizava com o olhar a atenção de todos que perdidamente a amavam e sonhava para ela um futuro radioso, sem as constantes privações, sem os mil cuidados e os trabalhos árduos que a todos escravizavam.

Um dia, o olhar de fogo de um fidalgo pousou sobre a menina que desabrochava em flor, e ela, sem a ninguém ouvir, deixou-se levar pelas trilhas pecaminosas da matéria onde o dinheiro e a cobiça a tudo dominam.

A ambição desmedida a levava sempre rumo ao abismo que já se escancarava a seus pés. A linda menina deixava-se tocar pelos galantes admiradores que a cercavam em meio a mil flores e joias ofertadas entre sussurros e promessas de amor. O coração ansioso, sempre em busca de mais, se enredava nas teias das sensações, no delírio da matéria, esquecendo as emoções do espírito, sentimento esse abafado sempre pela necessidade cada vez maior da posse material, sem que o coração tomasse parte daquela festa de prazeres.

Um dia conheceu o amor. Por ele, forma mágica de transformação, teria aderido ao viver comum, abdicado da vida fútil e promíscua, de enganos e sedução, para trilhar o caminho abençoado de um lar digno.

No entanto, o homem que a cobrira de sonhos e promessas, que conseguira, por fim, o milagre da descoberta dos sentimentos superiores, já unira a outra o seu nome, a sua vida. Não quis, não poderia assumir o amor, a paixão desmedida que a moça lhe despertava. No entanto, apaixonado, cercava-a de carinho e de um amor cego e profano, trazendo-lhe os primeiros desencantos, as primeiras lágrimas de arrependimento e a sensação inócua de uma suprema infelicidade.

E foi assim que, um dia, conheceu alguém que ao vê-la se perdeu de amores.

Jovem fidalgo, filho de pais abastados, ele tudo deixara por amor à mulher devassa, considerada pérfida e infiel, de vida dissoluta e pervertida.

A doce menina, em meio ao desencanto do amor, para o qual não encontrava solução, resolveu ceder aos apelos do jovem que, cercando-a de flores e versos, lhe oferecera a oportunidade do lar digno.

Sem perceber que o amado amante, agora preterido, a vigiava ocultamente, marcou uma entrevista com o jovem apaixonado a fim de dar-lhe a resposta há muito esperada. Resolvera mudar de vida, aceitar o amor oferecido, ser uma mulher fiel e digna do carinho e do nome que o fidalgo lhe oferecia.

Calcava assim aos pés todo o passado, toda dor, disposta a assumir nova vida da qual nunca pudesse se envergonhar.

Era o recomeço.

E naquele dia, ajoelhado a seus pés, ela ouviu dele palavras de amor imersas na delicadeza daquela alma gentil, que enfrentava a tudo e a todos para ter com ele a amada, no ideal de transformar a vida impoluta que ela levava, no recanto de paz de um lar pleno de carinho e afeição.

No entanto, inconformado, enlouquecido de ciúme e dor, o amante abandonado, no momento em que os jovens saudavam a aliança erguendo a taça borbulhante de champagne, no doce colóquio das promessas de amor, ei-lo que surge e, de punhal em

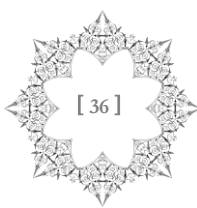
punho, enterra-o até o cabo nas costas do jovem que tomba aos pés da amada, estarrecida pela surpresa e pela dor.

Terror, dor inaudita! Oh! Martírio ingente! Gritos, imprecações e maldições do coração enlutado, na surpresa cruel daquela hora!

E naquele instante, um brilho de loucura fulgiu naqueles olhos e, num átimo arranca das costas do noivo assassinado o punhal ensanguentado, rompendo com ele os pulsos, misturando ao seu o sangue do amor para sempre perdido.

E, dominados pela surpresa, se fixarmos o olhar, ainda poderemos observar ao lado do corpo exangue e sem vida a visão dolorosa da diáfana criatura, tentando conter em vão, o sangue impetuoso a lhe escorrer fremente pela chaga aberta...

E em meio aos gritos dos criados, perplexos pela dolorosa cena, ouviremos perplexos, insólita e delirante, uma sonora e triste gargalhada.





APRESENTAMOS O POEMA

CASCA

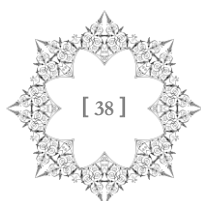
Por Vinícius Jales

Nascido em Santos, no litoral de São Paulo, em 2001, faz graduação em Psicologia, área na qual se debruça com amor na tentativa de responder seus próprios questionamentos internos e um dia poder ajudar pessoas com suas próprias questões. A escrita foi sua descoberta de um refúgio e a tentativa de nominar o inominável, uma forma de esvaziar a inevitável dor humana e plantar uma flor nos escombros dos dias que nos vemos mais devastados.

Antes de tudo, a natureza é esperta
Aquilo de valor não se deixa aberto
A deliciosa poupa se protege
Evitando que a praga a almege
Em uma bela casca, cheia de vaidade
Mas que esconde a mais pura verdade

Humano tolo pensa não ser fruto
Seu cerne encascado lhe fez bruto
E sua alma apodrece,
Apodrece,
Apodrece a cada minuto

Andando, vejo das mais belas cascas
Mas qual dessas cascas ainda protege um fruto?
Ainda há frutos andando pelo mundo?
Ou as cascas só estão a proteger um vazio profundo?
Um vazio que preenchem com mais casca,
Mais casca,
Mais casca,
Mais
Farsas.





APRESENTAMOS O CONTO

UMA SEMANA RESTANTE

Por Vitor Pereira Pinheiro

Vitor Pereira Pinheiro é um adolescente de 16 anos e estudante do 1º ano do Ensino Médio. Curioso e atento, sempre gostou de ler e escrever. O último livro que leu (livros que mantém próximo ao seu computador – companhia típica de sua idade) foi Uma Breve História do Tempo, de Stephen Hawking. Ultimamente, esse seu talento passou a ficar mais aguçado e é perceptível em seus textos a existência de uma maneira informal, simples e até emocionante de transmitir sentimentos e fatos cotidianos, incomuns à sua idade.

Após ler o relatório médico, esse senhor - cujo tempo de vida está contado em uma única semana - não pensou nas conseqüências de fazer dessa semana a sua melhor, em toda sua vida. Afinal, o prazo não poderia ser mudado, independente do que acontecesse.

Com isso em mente, ele estava pronto para fazer tudo o que sempre desejou fazer. Assim, ele se arrumou para viagem inesquecível. A primeira coisa que queria fazer em sua lista de desejos era ir até o interior de Minas Gerais para rever as montanhas e grutas de sua terra natal, além de rever os parentes que lhe traziam apenas boas recordações, repletas de alegria e gratidão.

Depois de se arrumar, esse senhor foi a caminho do aeroporto, porém, infelizmente, os aeroportos estavam fechados devido às condições climáticas. Isso o desanimou um pouco, mas só por um tempo, pois não tinha tal tempo a perder. Sem pestanejar, ele logo lembrou de seus amigos daquela grande metrópole, que por longos anos foi seu abrigo.

Então, teve a idéia de entrar em contato com esses seus melhores amigos para irem de carro. Só havia um detalhe: ele precisou avisá-los sobre a sua condição. Contou a eles que não tinha muito tempo e que queria ir até a sua terra natal e à sua família, para vê-los por uma última vez, antes de sua morte. Por um instante houve um profundo silêncio. Mas ele, logo, foi substituído por uma comemoração animada e abraços apertados. Afinal, os grandes amigos tinham pela frente uma grande viagem que serviria para lhes unir novamente em boas aventuras e gostosas risadas.

Numa estrada cercada pelo verde da natureza, esse senhor decidiu que fossem algumas paradas em lugares que se recortava e todos concordaram. Após um tempo, eles chegaram em seu lugar favorito na infância, um velho parque de diversões que trazia rastros do tempo, mas não apagava as belas recordações de quem o freqüentou. Enfim, se divertiram como crianças e esqueceram por longos minutos os seus problemas cotidianos, antes de retomarem o trajeto da viagem.

Ao final de cinco dias de viagem pela rodovia, finalmente chegaram à terra natal desse senhor. Já restava a ele apenas dois dias para ficar com sua família. Porém ele não se

incomodava com isso, afinal ele se divertiu com seus amigos que sempre estiveram com ele e isso já foi algo muito importante.

Mesmo com seu tempo de vida contado, o senhor estava sorrindo porque pôde passar os seus últimos minutos com seus amigos, sua família e consigo mesmo. Depois desses dois dias, "a morte" veio lhe buscar e lhe perguntou o pôr que de não estar assustado... E esse senhor a respondeu dizendo que não importava o tempo que lhe restava e, sim, o tempo que pôde viver com quem amava.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



**BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE:
CLIQUE SOBRE AS CAPAS**

**VISITE:
WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM**

**SIGA A PÁGINA:
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA**

**CURTA:
WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA**

CONTATO: ELENIR@CRANIK.COM

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA OS NOSSOS EDITAIS EM ABERTO:
CLIQUE AQUI**